



Resenha

REVOLUÇÕES:

entre o passado e o futuro

Bruna Nunes da Costa Triana*

O livro *Revoluções* foi organizado pelo sociólogo Michael Löwy, lançado no Brasil em 2009, como parte das comemorações do ano da França no país. Fruto de dois anos de intensa pesquisa em arquivos e acervos públicos e privados, o livro possui mais de 400 fotografias. Foram escolhidas nove revoluções, entre as ocorridas nos séculos XIX e XX, e o livro as apresenta pela ordem cronológica. A obra se estrutura da seguinte maneira: de início, um texto interpretativo das revoluções e de suas respectivas imagens e, ao final de cada texto, o conjunto das imagens daquela revolução.

São vários autores renomados – como Enzo Traverso, Gilbert Achcar e Bernard Oudin, além do próprio Löwy –, introduzindo o que foi cada revolução, procurando traduzir em palavras o clima de tensão, o som das lutas, as personagens, interpretando e relacionando o texto com as fotografias que o acompanham. Todas as imagens contam com uma sucinta legenda, geralmente repetindo a imagem, mas não com seu autor. Talvez porque a maioria das figuras dessas revoluções se deva a fotógrafos anônimos que as acompanharam de perto, ainda que algumas sejam de fotógrafos conhecidos, como Cartier-Bresson, Capa e Korda.

Consideramos o livro um ensaio fotográfico porque, ao assumir que “a revolução é assunto de imagem, mais que de conceito” (Löwy, 2009, p. 13), admite-se que não se pretende esgotar a historiografia dessas revoluções, e sim deixar as imagens “falarem” mais que os textos. No entanto, é pelo texto que sabemos o contexto histórico, quem foram os líderes, onde ocorreram as lutas e como se deu o desfecho. Nesse sentido, as imagens nos revelam mundos diversos no interior das revoluções que estudamos e mostram sua concretude, sua singeleza, sua particu-

* Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL-PR) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGA-USP)

laridade, bem como sua universalidade. O texto nos remete, então, para a história, para a cadeia de dominação e opressão que faz insurgirem os levantes da massa. A imagem nos mostra a força e o espírito de cada revolução, e, ao mesmo tempo, o texto nos faz compreender as condições e possibilita sentir e ver nas fotografias essa força. Logo, existe uma relação de colaboração: se texto e imagem são independentes, se são equivalentes, também colaboram um com o outro.

O objetivo central do livro é, portanto, recuperar nas fotografias “a qualidade mágica, ou profética, que as torna sempre atuais, sempre subversivas” (LÖWY, 2009, p. 19). A separação entre os textos e as imagens é a condição de possibilidade de uma resistência na relação entre as fotos e os textos. Com essa resistência, a independência entre ambos permite ao leitor, sabendo de seu contexto, ser atravessado pela imagem. Os autores reconhecem que a fotografia vai além de seus usos políticos, pois se presta a muitos usos.

Quando as revoluções são o tema, os exemplos abundam. A primeira revolução realmente fotografada foi a Comuna de Paris, contemporânea do advento do instantâneo, conforme lembra Achcar (2009, p. 23). Ali, a fotografia, instrumento urbano e burguês, finalmente encontrou a população que habitava as cidades. Conforme salienta Rouillé (2009, p. 46), “foi necessária, assim, uma insurreição popular para que a fotografia encontrasse a cidade e seus habitantes, e para que nascesse a reportagem”. No entanto, se, em um primeiro momento, as imagens celebravam a vitória dos *communards*, “após o fracasso da insurreição, a fotografia será utilizada contra ele [o povo]: a polícia identificará os ‘insurgentes’ com a ajuda de fotos das barricadas” (ROUILLÉ, 2009, p. 46).

Este é um motivo e uma justificativa para o livro: visitar essas fotografias, ver a concretude, os segredos, a “magia” dessas revoluções e dessas imagens para recuperar sua carga utópica e cultivar seu potencial subversivo. E é daqui que decorre a equivalência entre textos e imagens. Apesar de comentarem as fotografias, além de contextualizarem as revoluções, o que poderia aparentar um uso ilustrativo das imagens, uma leitura mais cuidadosa dos textos revela que os autores procuram aprofundar as imagens e se deixar levar por elas. Buscam ser tocados, o que faz com que o leitor também sinta e pense *com*, *através* e *além* das imagens. Se, como diz Löwy, falar de revoluções pode parecer curioso atualmente, as fotos causam estranhamento ao revelarem a concretude, os rostos, os gestos e a ansiedade. E, aos olhos do observador, também a derrota está presente; trata-se dos vencidos da história. Assim, pelas imagens, busca-se recuperar a magia da fotografia e a tradição dos oprimidos.

A irrupção de movimentos de massa tão fortes, capazes de romper, pelo menos por alguns dias ou meses, os grilhões da opressão social, política e econômica, é momento tão tenso que constitui instantes mágicos da história. Quando os oprimidos, os sem vozes, os vencidos conseguem quebrar a cadeia de dominação e (tentam) transformar a forma de governo e as estruturas sociais, o tempo para e interrompe-se.

Benjamin (1994, p. 228-229) é quem percebe essa qualidade mágica nas revoluções. A história do tempo vazio e homogêneo, própria dos vencedores, é detida bruscamente para ceder lugar a um tempo saturado de *agoras*. Assim, a história, em vez da simpatia com os vencedores – que faz dos que vencem no presente os herdeiros de todos os que venceram antes –, deve ser feita de rememoração. Com efeito, nessa maneira de conhecer o passado, não se procura contá-lo “como ele de fato foi”, mas sim “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja num momento de perigo” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Benjamin (1994, p. 94), em *Pequena história da fotografia*, de 1931, confere a algumas imagens fotográficas uma magia, “depois de mergulharmos suficientemente fundo em imagens assim, percebemos que também aqui os extremos se tocam: a técnica mais exata pode dar às suas criações um valor mágico que um quadro nunca terá para nós”. Nessas imagens, não obstante toda a técnica e perícia, somos levados a perscrutar “a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem”. A magia da imagem faz com que o observador procure aquele “lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje em minutos únicos, há muito extintos, e com tanta eloquência que podemos descobri-lo, olhando para trás” (BENJAMIN, 1994, p. 94).

A busca por despertar uma sensibilidade para essas histórias já contadas nos livros, especificamente por meio de imagens, é porque sua potência mágica é superior a do texto.

As fotos de revoluções – sobretudo se foram interrompidas ou vencidas – possuem assim uma poderosa carga utópica. Revelam ao olhar atento do observador uma qualidade mágica ou profética, que as torna sempre atuais, sempre subversivas. Elas nos falam ao mesmo tempo do passado e de um futuro possível (LÖWY, 2009, p. 19).

Assim, trazer a fotografia, e não apenas conceitos, fatos e documentos, para essa procura por rememorar e atualizar as revoluções, deixa entrever a vontade de mostrar outras visibilidades a esses acontecimentos épicos da história. O que a

fotografia, por sua magia, captura são, justamente, os momentos mágicos em que os oprimidos, os sem vozes, transformam-se em sujeitos de sua própria história e de sua emancipação. A fotografia, precisamente, para o tempo, congela um instante e capta esses momentos únicos em que a história é interrompida. No limite, o próprio tempo para, cedendo lugar a outras formas de vida.

O conjunto das fotografias do livro “oferece uma viagem no tempo e no espaço revolucionário, um mergulho na história” (LÖWY, 2009, p. 16). Nessa medida, as fotografias tornam visíveis aspectos não presentes nas narrativas historiográficas, pois elas colocam o passado no presente, como queria Benjamin, confrontando-as com o texto: “elas captam o que nenhum texto escrito pode transmitir: certos rostos, gestos, situações e movimentos. A fotografia possibilita que se veja [...] o que constitui o espírito único e singular de cada revolução” (LÖWY, 2009, p. 13).

No entanto, ao apresentar a particularidade e a singularidade de cada revolução, essa diversidade apresenta cada revolução também naquilo

[...] que ela tem de universal, em sua especificidade histórica, cultural e nacional. Vemos aparecer a revolução não como uma abstração, uma idéia, um conceito, uma “estrutura”, mas como uma ação de seres humanos vivos, homens e mulheres que se insurgem contra uma ordem que se tornou insuportável (LÖWY, 2009, p. 15).

O livro *Revoluções*, portanto, ao rememorar as revoluções mais paradigmáticas da modernidade, busca, com essas imagens, interromper o pensamento. Desse modo, as revoluções são constelações saturadas de tensões que irrompem em momentos de perigo; são imagens dialéticas, segundo a concepção de Benjamin (2005, p. 477), que fazem saltar o *continuum* da história. A fotografia, nascida na era industrial e instrumento eminentemente burguês, volta-se para os oprimidos, nesses momentos de “iluminação momentânea”, capturando essa experiência precisamente na forma de imagem.

Ao recordar imagetivamente tais acontecimentos, buscando atualizá-los, os autores e as fotografias, juntos, colocam em movimento o empreendimento de “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, p. 225). A revolução é uma interrupção do *continuum* histórico, uma tentativa de romper com a história dos vencedores e trazer à tona “os ecos de vozes que emudeceram”. Esses ecos ressoam nas imagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHCAR, G. A Comuna de Paris, 1871. In: LÖWY, M. (Org.). *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- . *Libro de los Pasajes*. Madri: Akal, 2005.
- LÖWY, M. Introdução. In: (Org.). *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ROUILLÉ, André. *A fotografia*. São Paulo: Editora SENAC, 2009.

